

“Amor é cristão, sexo é pagão”

Vanildes Gonçalves dos Santos
Mestranda em Ciências Sociais –
PUC/SP - Bolsista do Programa
Internacional de Bolsas da
Fundação Ford.

Resenha de: LELOUP, Yves-Jean. *Jesus e Maria Madalena: para os puros, tudo é puro*. Petrópolis, Vozes, 2007.

A tensão entre a sexualidade e o sagrado sempre esteve presente na história das Igrejas Cristãs. No cristianismo, nada ou quase nada se diz a respeito da sexualidade de seu fundador, Jesus Cristo. Os evangelhos, textos que compõem a Bíblia, livro sagrado para Judeus e Cristãos, apesar de serem narrativas sobre vida de Jesus, esses não mencionam sobre suas práticas sexuais. Porém, essa ausência sobre o assunto não impediu, que diversas especulações das mais variadas formas, de tempos em tempos sejam levantadas a respeito do assunto. Em 2006, por exemplo, acompanhamos a movimentação de milhares de pessoas até as salas de cinema para assistirem o filme o Código Da Vinci, romance e ficção que, justamente, abordou sobre a relação amorosa que teria acontecido entre Jesus e Maria Madalena.

Teria Jesus vivido como um homem solteiro e celibatário? Ou ele de fato assumiu a encarnação na sua plenitude e viveu como um homem comum da sua época, que se apaixonou e viveu uma experiência afetiva-sexual com uma mulher? Essa mulher teria sido Myrian de Magdála, mais conhecida como Maria Madalena? É dessas questões que trata o livro sob o título de *Jesus e Maria Madalena: para os puros, tudo é puro*, do pesquisador francês, teólogo, antropólogo, sacerdote ortodoxo Jean.Yves Leloup, autor de diversos outros livros.

No primeiro capítulo, que encontra-se apresentado em forma de um questionário, de perguntas e respostas a propósito de Maria Madalena, como: quem foi esta mulher, como ela aparece nos Evangelhos canônicos e nos apócrifos, a construção de sua imagem pela tradição da Igreja católica, por parte de alguns gnósticos e Padres da Igreja que infelizmente serviram para desprezar a sua imagem de mulher e através dela de muitas outras mulheres. E ainda, poderia se imaginar uma relação sexual entre Maria Madalena e Jesus? Jesus teria vivido uma sexualidade consumada ou sublimada? Para responder as essas e outras perguntas, o autor faz a opção de não privilegiar os evangelhos canônicos em detrimento ou oposição aos evangelhos apócrifos, mas de realizar uma discussão a partir dos textos em conjunto.

A perplexidade filosófica é o título do segundo capítulo, cuja reflexão passa pela temática do prazer humano e da filosofia do corpo. Entre as principais provocações feitas por Leloup nesse capítulo está: porque o cristianismo tem apresentado a sexualidade, por um lado de forma tão degradante, a “mãe de todos os pecados” e de outro, tão raramente, como algo de divinizante? Para o autor, a sua abordagem está imersa nessa perplexidade e questiona de forma mais honesta o realismo da encarnação. O pensamento judaico sobre a sexualidade entre o homem e uma mulher carregado da idéia de complementaridade e o amor como uma aliança entre dois inteiros, duas liberdades, a vivência de um prazer que é frutífero, além de um filho, mas de um projeto, uma obra, um prazer que em todos os casos é um modo de tornar Deus presente no mundo, são reflexões feitas pelo autor no quarto capítulo, cujo título trata-se: das metamorfoses da libido, as diferentes formas de amar.

O docetismo e sua influência na forma da religião cristã lidar com a sexualidade e com o corpo é abordado no quarto capítulo. O movimento docetista defendia a idéia de que o corpo do filho de Deus é destituído da realidade material, é apenas uma aparência. Mas nem todos os líderes da Igreja concordavam com essa postura e defendiam que a encarnação de Jesus se deu de forma total, assumindo um corpo humano com tudo o que o compõem. Leloup faz um apanhado histórico para demonstrar como esse debate esteve presente de forma conflituosa na Igreja Cristã, desde os seus primórdios e afirma que ideologias docetistas ainda permanecem nos dias atuais. A Encarnação de Jesus é a temática aprofundada pelo autor teologicamente no capítulo cinco, tendo como fundamento o prólogo do Evangelho de João.

No sexto capítulo o autor disserta sobre a Relação Sagrada Segundo o Evangelho de Felipe, que para Leloup está em sintonia com a tradição hebraica e com a filosofia ocidental. O trecho do evangelho de Felipe que diz que: “*Jesus beijava Maria Madalena na boca*”, é o eixo orientador das discussões desse capítulo.

O Sagrado no Encontro: O numinoso é o assunto destacado do sexto capítulo, no qual, Leloup menciona a experiência de outras tradições religiosas em que a sexualidade, o prazer, toda fruição é uma experiência do divino. Neste capítulo o autor aproveita para fazer um crítica sutil a Freud, ao dizer, que se o psicanalista tivesse apreciado melhor a verdade psicológica na qual a sexualidade é numinosa, ele não seria prisioneiro de uma noção biológica acanhada.

E por fim, no sétimo capítulo, intitulado - A sexualidade do Cristo: história, exegese e teologia, o autor iniciando pelas artes, passando pela exegese de textos bíblicos como os de Paulo e pela teologia feita nos primórdios da Igreja pelos padres, como santo Agostinho, que adota uma atitude muito hostil com relação a sexualidade, Leloup apresenta diversas informações sobre o contexto judaico em que Jesus viveu, bem como os conflitos e desencontros nas elaborações teológicas e da tradição da Igreja Cristã a respeito de Jesus e sua sexualidade.

A partir das reflexões apresentadas pelo autor, fica evidente a defesa do mesmo de que Jesus poderia perfeitamente ter assumido uma vida onde as práticas sexuais e o amor preferencial por uma mulher tenha acontecido.

O texto de Leloup nos desperta para refletir sobre a relação entre religião e sexualidade, principalmente o cristianismo, que apesar de em seus interstícios existir conflitos de idéias e atitudes diferentes a respeito da sexualidade, o que sobressaiu mesmo foi uma teologia anti-sexo, que impediu e impede a religião de realizar um caminho que ensine a arte de amar e de viver a sexualidade, onde as pessoas possam com alegria vivenciar no corpo, no prazer, no gozo, a beleza da presença divina.

Restituir a sexualidade de Jesus reconhecê-lo como um homem que assumiu sua condição humana em todas as dimensões, com certeza nos ajudaria a sentir e vivenciar de forma muito melhor a sexualidade.

Afinal, conforme faz questão de recordar o autor ao longo do livro: “*tudo aquilo que não é assumido, não é salvo*”.